



**Alexandre Guarnieri<sup>i</sup>**

**(| o crânio humano |)<sup>ii</sup>**

compósito ósseo por sobre cujos orifícios inteiramente desobstruídos, encaixam-se os módulos dos olhos, narinas, da boca, e ouvidos; a tampa de louça calcinada pelo couro (marfim fissurado sob cabelo) um trono ocupa o topo desta cúpula; uma armadura de juntas, parcialmente recoberta por ranhuras em cruz, pelas quais, de sua furna interna (o antro intracraniano), escapam-lhe tantos juízos - são pássaros em fuga deste receptáculo craquelado; lacrado sob a caixa manchada do crânio humano, jaz, moldado aos miolos, à forma de uma noz que alucina e racionaliza, o gerador unigênito - razão pela qual congelam o cérebro de um gênio -, de cada inédita heureka, e de todas as idéias velhas, de séculos, de décadas, guardadas em antiquíssimas bibliotecas; sob o palato, escondida, esteve a língua quase retilínea (um único músculo infatigável para modular todos os dialetos), a dentição se encaixava, cobrindo-a, esta fila de lanças fincadas, abaixo das maxilas, e na base da mandíbula

**|||| são oito ||||**

1. que haja, em potência, o erro  
(é mais fácil zelar pela cabeça)  
ou algum tropeço preso a cada perna;

dois joelhos +/

2. há que se usar os braços  
para protegê-la da queda,  
no caso de qualquer fraqueza;

dois cotovelos +/ são quatro

3. ainda que, oculto e súbito, um  
obstáculo se interponha às pernas,

(é mais frágil na cabeça o cocuruto);

dois tornozelos +/- são seis

4. convém usar mãos como escudos, quando do inequívoco óbice, cobrir (no rosto) sempre que se possa, dos olhos, os óculos;

dois pulsos/ na soma, são oito

## **[/ todo corpo ]\**

das treze articulações primárias, sete expandem da linha dos ombros (braços abaixo/ a cabeça acima do pescoço), há outras seis partindo dos quadris (pernas/ sexo sob o degrau da cintura), nas vértebras, onde, invariavelmente haverá hérnia, pilhas de anéis lhe atravessam na transversal (do crânio ao cóxi, pelo meio), encapsulam a geléia eletrificada na medula, feita desde o feto no eixo estrutural deste esqueleto; (no hinduísmo, cada *chakra* receberia na coluna, a chave-mestra de sua própria fechadura); esse homem-móvil suspende, em trânsito, carnal o óbice de sua própria transitoriedade; se livre, seu complicado equilíbrio é dinâmico, há dispositivos anti-pânico, simetrias (são contra-pesos os ossos por dentro, as câmaras hiperbáricas onde o sangue se tranca, em caixas outro fluido chacoalha, o que os músculos ocultam sob o couro exterior, e como *Javacheff Christo* faria noutra escala, seus embrulhos com cordas e tecido, de *Botero* a *Giacometti*, há um aspecto familiar e reconhecidamente humano recobrimdo tudo); no cerne de cada complexa célula cabe o germe, desta moradia viva com endereço fixo: o corpo como logradouro

## **[| a pele |]**

homem-bomba vestindo roupa de escafandrista, seu *neoprene* pressurizado capta estímulos, e por entre pêlos mínimos, válvulas regulatórias fazem-na suar ou ressecar, contra as condições do habitat (algo se interpõe aos poros, ou impermeabiliza as fibras); seus sensores de calor vigiados de uma

torre de comando, enquanto é mantida viva, (hidratado adequadamente cada intrincado recanto) como a máxima peça, de uma alfaiataria das mais complexas: seria tão errado reduzi-la ao tato costurando ao tecido apenas um, dos cinco sentidos?

## | ( os órgãos internos ) |

\( persegue as vértebras a massa dos sangues coligidos /( dentre os quais há indício, de que alguns (mais ou menos líquidos)\ cada qual a seu tempo, distintos, consolidem sacos coagulados do caldo biológico \ ( carnes que existem da diferença entre si de seus tecidos \ ( se especializaram as células, em aparelhos e sistemas )/ delas monta-se um *puzzle* cujas lacunas se completam )\ o corpo expande, mas se destrói quando mais o rígido osso fratura, pelo escasso cálcio \ ( conforme a vida lhe habita, o conjunto luta sob o mesmo pulso \ (o mesmo insumo bruto lhe insufla a labuta \ ( plantada já na samambaia dos nervos \ ( enclausura-lhe a amarra elástica dos músculos \ ( a obstrução sob medida de uma única fornalha viva )\ trocam fluidos entre si tantas partes aparentemente separadas \ ( interno o mar hemorrágico, apenas visitável numa viagem fantástica \ ( mas quando lhe autopsiam a frio \ (sangria & bisturis \ ( se mostra, monstro sob as próprias ataduras \ (um *frankenstein* exposto, que, apenas por medo do escuro, só morto poderiam demonstrá-lo )\

Recebido em 15/04/2013

Aprovado em 30/04/2013

---

<sup>i</sup> **ALEXANDRE GUARNIERI** é Licenciado em História da Arte e Educação Artística pelo Instituto de Arte da UERJ, é Mestre em Comunicação e Cultura/ Tecnologia da Imagem pela Escola de Comunicação da UFRJ. Como arte-educador atuou no Programa Educativo do Centro Cultural Banco do Brasil. Produziu materiais educativos para exposições de destaque no Rio. Atualmente integra o corpo técnico da Diretoria de Marcas do INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial. “Casa das Máquinas” (2011), do qual estes poemas fazem parte, é seu livro de estreia. (A.G.)

<sup>ii</sup> Os poemas [| a pele |] e [| ( os órgãos internos ) |] foram inicialmente publicados na Revista Mallarmagens (<http://www.mallarmagens.com/2012/05/dois-poemas-biologicos-2011-de.html>). Todos os poemas integram o livro "corpo de festim", a ser publicado em 2014.